

O território marcado por monumentos hidráulicos: um estudo sobre os antigos chafarizes de Jundiaí [SP]

The territory marked by hydraulic monuments: a study about the ancient fountains in Jundiaí (SP)



Resumo

Através do estudo sobre os monumentos hidráulicos é possível obter informações e estabelecer associações pertinentes a fim de se compreender as transformações do espaço, relacionando ações de política patrimonial, ciência e tecnologia. Este trabalho pretende examinar a interface do ambiente construído e sua importância simbólico-cultural como marca da trajetória urbana da Paisagem Cultural do Município de Jundiaí [São Paulo]. Para isso, buscou-se compreender a trajetória de alguns dos principais chafarizes da cidade de Jundiaí que desapareceram após terem perdido sua função precípua, enfocando um estudo de caso significativo sobre a questão.

Palavras-Chave: Patrimônio; paisagem cultural; chafariz; recursos hídricos.

Luci Merhy Martins Braga

Engenheira Sanitarista, Mestre em Engenharia Civil, Profa. da Faculdade Anhanguera de Jundiaí, [São Paulo], pesquisadora do Labore – Laboratório de Empreendimentos - DRH/ Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo – Unicamp, Campinas, [São Paulo], Brasil.

l.maerhy@terra.com.br

André Munhoz de Argollo Ferrão

Engenheiro Civil, Arquiteto e Urbanista, Doutor em Arquitetura, Livre-Docente da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. Coordenador do Labore – Laboratório de Empreendimentos - DRH/ Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo – Unicamp, Campinas, [São Paulo], Brasil.

argollo@fec.unicamp.br

Recebido para publicação em março de 2012.

Aprovado para publicação em abril de 2012.

Abstract

Through the study of hydraulic monuments you can obtain information and establish relevant associations in order to understand the transformations of space, linking policy actions heritage, science and technology. This paper aims to examine the interface of the built environment and its importance as a symbolic-cultural history of the city of Jundiaí [São Paulo]. For this, we sought to understand the trajectory of some of the main fountains Jundiaí disappeared after having lost their primary function, focusing on a significant case study on the issue.

Keywords: Heritage; cultural landscape; fountains; water resources.

Introdução

A passagem do homem sobre o território conforma a Paisagem Cultural traduzindo o vai e vem dos novos contextos tecnológicos e trabalhando a ideia de sistema espacial expressa através dos processos nela contidos, pois “a paisagem é um testemunho de uma certa maneira de ver daqueles que a escolheram para habitar, visitar, traçar caminhos” (BERQUE, 1998, p.86). É relativamente recente a preocupação com os efeitos nocivos causados pelo processo de urbanização à estrutura de nossas cidades. Uma ação predatória, motivada pelos interesses imediatistas, ocasiona sérios problemas que afetam a qualidade de vida e o lazer das populações.

O patrimônio pode ser medido e avaliado de várias formas, porém, quando associado aos processos inerentes e explicitado através dos vetores culturais correspondentes, que coevoluem com o tempo, é possível traduzir o patrimônio e a arquitetura de monumentos hidráulicos (para o caso específico deste trabalho) que marcam uma época e que, mesmo não estando mais presentes em determinado local, dão referência a uma comunidade. Todavia o poder público não pode ficar de fora das ações restauradoras desses monumentos nem tampouco do jogo de interesses comunitários pela obtenção de

novos espaços. O caminho é a conservação dos monumentos existentes revertendo o processo de deterioração. Trata-se de promover a preservação do patrimônio urbano, valorizando “os edifícios antigos [que] já não contribuem para fundar um saber, aquele que é construído por sua disciplina, mas para ilustrar e com isso servir a um determinado sentimento, o sentimento nacional” (CLOAY, 2001, p.129), ou, meramente comunitários, conforme o caso.

Os “recursos hídricos” de um território são cada vez mais valorizados, dada a escassez da água em diversas regiões do planeta. Assim, o uso da água pode ser visto também como uma categoria socialmente construída, “pois sua mensuração e efetiva utilização dependem do desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico, das condições econômicas envolvidas na sua exploração bem como da evolução dos modos de vida da sociedade” (VARGAS, p. 111). Dentro de um contexto socioespacial confinado a um determinado bairro, e ambiental, confinado a um município, busca-se examinar a interface do ambiente construído (e por vezes destruído) a partir da análise da importância que se dá aos lugares que pareciam “sempre estarem lá” como monumentos à trajetória urbana.

De acordo com Marcelino *et al.* (2007, p.8), “muitas vezes a solução não

está na construção de novos equipamentos, mas na recuperação e revitalização de espaços, destinando-os a sua própria função original, ou, com as adaptações necessárias, a outras finalidades” visando fazer mais e talvez depender de recursos menores do que os necessários para novas construções.

A conciliação de tradição e progresso poderia ser o caminho para a manutenção desses espaços. Porém uma nação ainda jovem, muitas vezes não compreende a própria ideia do que seria essa tradição e esse progresso. Essa questão reflete-se de maneira impactante na grande maioria dos municípios brasileiros.

Dessa forma, o objetivo desse estudo está em localizar alguns dos principais chafarizes da cidade de Jundiaí [SP], a fim de avaliar se eles podem desaparecer da cidade e ao mesmo tempo continuar fazendo parte da memória coletiva daqueles que conheceram e que respeitam o lugar. Sendo assim, algumas perguntas são importantes fazer, como:

1. O objeto perde o valor afetivo simplesmente porque saiu do lugar, perdendo sua importância simbólico-cultural?
2. Os monumentos hidráulicos podem representar ou expressar a trajetória do desenvolvimento urbano?

3. As águas das cachoeiras e dos rios de uma cidade poderiam ser representadas através de monumentos, dando referência ao seu território?

Se a paisagem urbana está lá ou esteve, “é preciso compreendê-la como uma totalidade expressiva, animada por um ‘espírito do lugar’, do qual a aparência exterior do território visado seria a expressão” (BESSE, 2006, p.72).

Chafarizes de Jundiaí

O início de Jundiaí se dá com a chegada das famílias de Rafael de Oliveira (bandeirante) e da viúva de Petronilha Antunes em 1615, que logo ao se estabeleceram, construíram a capela – hoje catedral – Nossa Senhora do Desterro. Esta se converteu imediatamente no foco central da cidade. Jundiaí, porém, só chegou à categoria de vila em 1655, quando se tornou Vila Formosa de Nossa Senhora do Desterro de Jundiahy. Foi elevada a categoria de cidade em 1865 e em 1867 foi inaugurada e estrada de ferro de Santos a Jundiaí, sendo todas essas datas, importantes para a compreensão da evolução histórica da cidade. Já no fim do século XIX, “Jundiaí havia se tornado um importante entroncamento ferroviário, o que favoreceu o desenvolvimento

industrial, solidificando sua economia” (TOLEDO, MARTIN e PINTO, 2009, p. 02).

Fontes e chafarizes foram instalados na cidade no começo do século XX. Aqueles com algum registro estão localizados na Figura 1, fazendo parte do centro histórico de Jundiáí. Concordamos com Silva (2001, p.24) quando afirma que “um território como marca de pessoa ou grupo pode ser denominado e percorrido mentalmente; [e] necessita, portanto de operações lingüísticas e visuais entre os seus principais apoios de representação”.

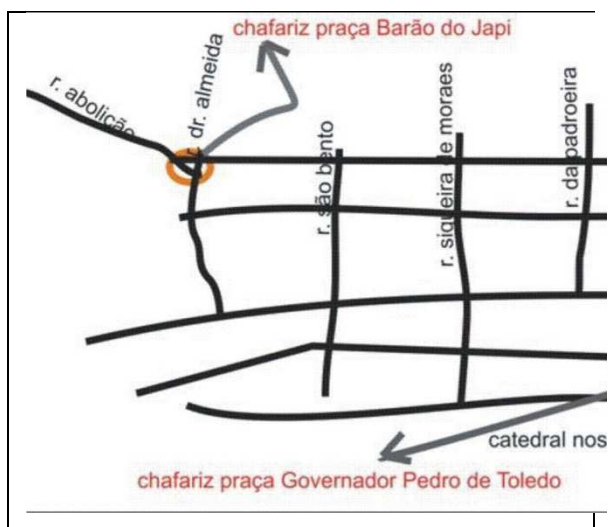


Figura 1. Localização esquemática dos chafarizes e fonte de Jundiáí e as ruas do centro da cidade. – montado pela autora.

A praça que fica à frente da catedral é denominada hoje, Praça Governador Pedro de Toledo, e a que fica atrás da catedral é a Praça Marechal Floriano Peixoto, onde, desde o começo do século XX, havia um chafariz e uma fonte luminosa respectivamente, numa tentativa

de interpretação do registro da história da cidade ligada às águas presentes nos seus rios, bacias e em seu entorno, principalmente nas cachoeiras da Serra do Japy. Outro fator importante é observar a denominação de cada lugar que parece articular a apropriação das intervenções que viriam a acontecer, como o “pátio da Matriz” (até o final do século XIX), que passa a “largo” e depois “jardim” (nas décadas de 1900 e 1910, respectivamente), antes de se definir como “praça” (no final da década de 1920) (VARUSSA, 2000, p. 07).

Para tentar compreender a trajetória dos monumentos hidráulicos de Jundiáí, deve-se observar que no começo da década de 1920, o centro da cidade passava por várias reformas. O jardim público dessas duas praças – que se interligam ao redor da capela –, a partir de 1919, começa a ser radicalmente transformado, refletindo “o progresso, a presença do ideal altruístico de brindar Jundiáí com os requintes pitorescos e artísticos da civilização” (VARUSSA, 2000, p. 10).

Para esse jardim foi projetada uma fonte (1920), e anos mais tarde um chafariz, além de plantas criteriosamente escolhidas. A fonte foi construída em artefato de cimento por Paciulle & Ratto, empresa paulistana. O local passou a ser importante para a comunidade, pois tornava as praças menos áridas e

agradáveis para todas as idades. Há informações, não precisas, de que a fonte permaneceu no local até 1940 (Figura 2).

Outro logradouro construído nessa mesma época, na Praça Marechal Floriano Peixoto (Figura 2), foi o coreto em estilo neoclássico, do arquiteto paulistano Archiles Isella com pintura de J. Gasparino, representando a mitologia grega com alusão à arte musical.

Lembrei-me, depois, do largo da Matriz que conheci. Palco das minhas peraltices [...]. Com o seu coreto imponente, em cuja escadaria nós fazíamos do corrimão, deslizadores magníficos. Coreto que servia para todas as utilidades. Para comemorações patrióticas, para leilões disputados, para tómbolas concorridas, para retretas e até para dormitório do Elysio, do Eduardinho, às vezes do João Pra Tudo. Era coreto e ao mesmo tempo, parque infantil e albergue noturno dos tipos populares e de quantos ligeiras que por aqui passassem (PONTES, 1941 *apud* PONTES VARUSSA, 2000, p. 09).

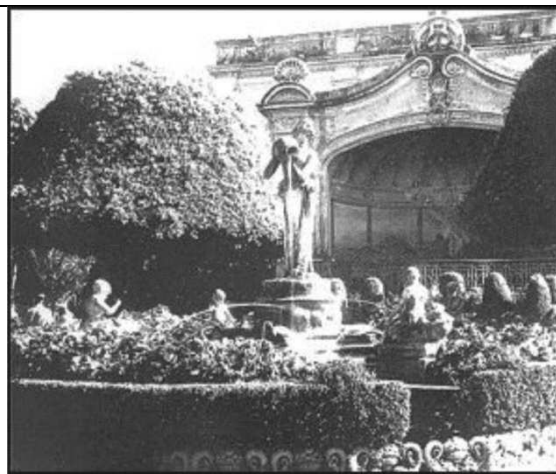


Figura 2. Esquerda abaixo, praça Governador Pedro de Toledo, com chafariz em primeiro plano. Acervo do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí, Foto de autor desconhecido, Jundiaí [SP], 1943. Direita acima, chafariz da praça Marechal Floriano Peixoto. Acervo do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí, Foto de autor desconhecido. Jundiaí [SP], 1940.

O chafariz era desmontável, segundo comenta o historiador da cidade, Geraldo Tomanik, mas recentemente a Secretaria da Cultura de Jundiaí procurou pelo chafariz nos depósitos da prefeitura, constatando que o mesmo desapareceu sem deixar vestígios.

Hoje, no local do chafariz da Praça Governador Pedro de Toledo há um espaço vago, apenas uma lembrança do que o tempo e as administrações são capazes de fazer. Há também, o “Monumento às Caravelas”, escultura em estrutura metálica que foi recentemente instalada próximo ao local do antigo chafariz (Figura 3).



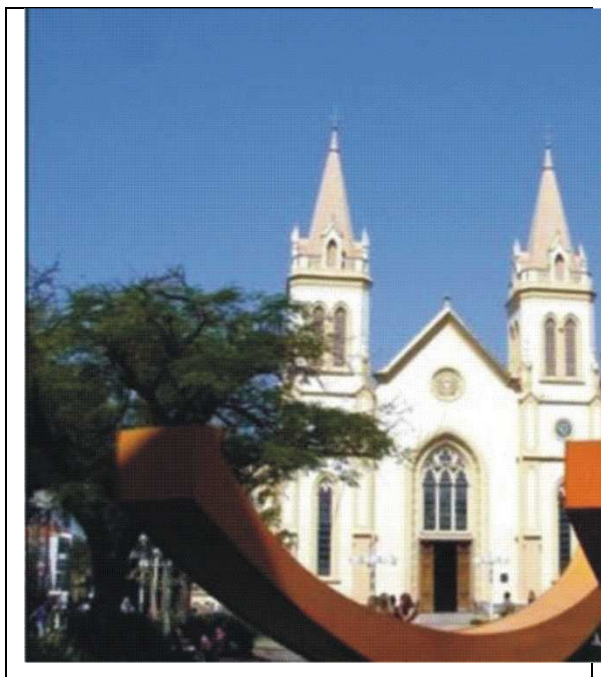


Figura 3. Fotografia do Monumento as Caravelas na Praça Governador Pedro de Toledo, 2009.

Fonte: <<http://scholar.google.com/scholar>. Acesso em 02 junho de 2009.

Muitas poderiam ser as considerações sobre a trajetória das praças – Governador Pedro de Toledo e Marechal Floriano Peixoto – frente à evolução urbana do Centro de Jundiaí; por exemplo, a relação entre o progresso e a tradição, em algum momento perdida só restando a catedral, como representação da paisagem daquela época.

Em se tratando dos chafarizes de Jundiaí pode-se relacionar um exemplar de autor desconhecido – que ainda permanece no local – na Praça Barão do Japy, entre as ruas Dr. Almeida e Prudente de Moraes. Este chafariz foi bastante conhecido pela população da cidade no início do século XX, por ser o lugar onde “os cavalos bebiam água”, fazendo referência a época

dos tropeiros. Contudo, o chafariz foi desativado em meados de 1997, e no local resta uma menção à sua existência no nome de um bar – Bar Chafariz – ao lado da praça em que ele ficava. O próprio chafariz permanece no local, mas foi transformado em jardineira (Figura 4).



Figura 4. Chafariz da praça Barão do Japy, transformado em jardineira. Acervo de Luci Braga, Jundiaí [SP], 2009.

O último chafariz que permanecia nos registros da memória de moradores antigos da cidade é o da praça Dr. Domingos Anastácio, porém deste não há nada mais do que os mencionados registros da memória. Até hoje, para alguns dos moradores mais antigos da cidade, a praça Dr. Domingos Anastácio (Figura 5)

também é conhecida como a praça onde “os cavalos bebem água”, mesmo não existindo mais qualquer vestígio do chafariz que lá havia.



Figura 5. Busto Dr. Domingos Anastácio em praça de mesmo nome. Acervo de Luci Braga, Jundiaí [SP], 2009.

Dentro desse caminho árido que a cidade percorreu, não há registros de praças com outros chafarizes ligados à história jundiaense, a não ser na história recente, com a instalação de um chafariz (em 1990) na Praça da Cultura, também conhecida como “praça das noivas”, localizada na rotatória da Vila Lacerda

junto à confluência das avenidas Vereador Geraldo Dias e Nove de Julho. No centro existe um chafariz que reproduz um pergaminho e uma caneta de pena, obra da escultora Semíramis Mojola (Figura 6).

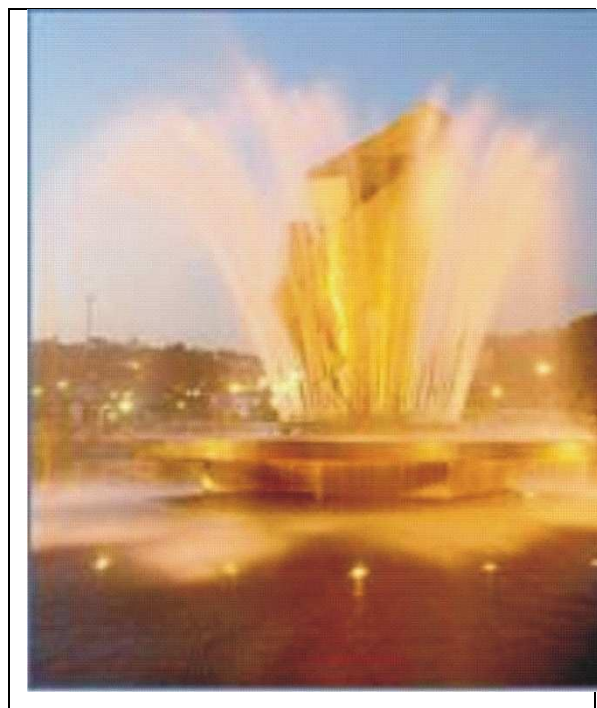


Figura 6. Chafariz da praça da Cultura, em Jundiaí [SP]. Foto fornecida pela Secretaria de Planejamento de Jundiaí, em 03 de junho de 2009.

Considerações Finais

Na atualidade, muitas cidades brasileiras caminham numa trajetória contrária a daquelas que, no mundo antigo, já entendiam a importância da água, sua arquitetura, sua engenharia e a necessidade do seu registro patrimonial. Jundiaí, através de sucessivas administrações

municipais, fez desaparecer seu requintado Centro e com ele a marca de uma história agrícola rica que dava importância ao bom gosto e aos espaços bem projetados. Os “monumentos hidráulicos” estavam presentes nesses espaços.

Levando-se em conta que o objeto não perde o valor afetivo simplesmente porque saiu do lugar, em Jundiaí os chafarizes fizeram parte da vida da cidade e apontavam para um futuro vinculado à tradição e aos costumes, que, no entanto, não perderia sua importância simbólico-cultural. Infelizmente isso não aconteceu. Ao contrário, os monumentos hidráulicos de Jundiaí desapareceram sem deixar vestígio, a não ser na memória de alguns dos mais antigos moradores da cidade, fazendo com que a sua história e a história da sua evolução urbana corram o risco de cair no esquecimento.

Hoje a cidade conta com um único chafariz em funcionamento cuja referência encontra-se destacada na *homepage* do Portal da Prefeitura de Jundiaí, associando sua imagem à expressão – “qualidade de vida”. Se os outros chafarizes “desaparecidos” tivessem sido preservados em seus respectivos locais, a cidade poderia reconhecer que a superior “qualidade de vida” não é incompatível com as ideias de cultura e tradição, em alusão a um povo que respeita o que é, foi ou será sempre seu patrimônio.

Referências Bibliográficas

- SILVA, ARMANDO. *Imaginários Urbanos*. São Paulo : ed. Perspectiva, 2001, p. 24.
- BESSE, JEAN-MARC. *Ver a Terra*. São Paulo : Perspectiva, 2006, p. 105.
- BERQUE, Augustin, *Paisagem – marca, Paisagem - matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural*. In. Um exercício do olhar -: estudo de sobre a ocupação humana de uma paisagem rural em Sergipe. SANTOS, Fabrícia de Oliveira, *Revista Canindé*, 2004, p. 75 a 114.
- CLOAY, FRANÇOISE. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo : ed. Estação Liberdade, 2001, p. 129.
- TOLEDO, Karina Pardini; MARTINI, Sueli e PINTO, Donizete Aparecido; MUSEU DA ENERGIA - NÚCLEO DE JUNDIAÍ. Disponível em: <http://www.energiaesaneamento.org.br>. Acesso em: 04 jun. 2009, p.02.
- VARUSSA, Rinaldo José. Pensando a paisagem como uma possibilidade para o ensino de História. *Revista Cadernos de História*, n.8. Uberlândia: EDUFU, 2000, p. 01 a 11.
- PONTES, Alceu, Ao pé dos plátanos ceifados. In *Jornal A Comarca*, 16/02/1941, p.1. *apud* VARUSSA, Rinaldo José. Pensando a paisagem como uma possibilidade para o ensino de História. *Revista Cadernos de História*, n.8. Uberlândia: EDUFU, 2000, p. 09.
- VARGAS, Marcelo. O gerenciamento integrado dos recursos hídricos como problema socioambiental. *Revista Ambiente & Sociedade*, Ano II - No 5, 1999, p. 109 a 134.